

O FASCISMO UCRANIANO:
corrente histórica, fator de instabilidade contemporânea

UKRAINIAN FASCISM:
current, historical factor of contemporary instability

Carlos Serrano Ferreira¹

Resumo

O artigo traça a genealogia do fascismo ucraniano, mostrando o seu desenvolvimento ao longo do tempo, sendo este uma reflexão atualizada de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida desde 2014 em vários outros artigos e documentos. Por fim, se demonstra o papel central que ganhou desde os acontecimentos do Euromaidan (2013-2014), em particular pela incorporação de suas milícias à estrutura do Estado e a influência na agenda política, sendo causa de instabilidade e guerra.

Palavras-chave: Ucrânia; Fascismo; OUN; Svoboda; Pravy Sektor; Euromaidan.

Abstract

The article traces the genealogy of Ukrainian fascism, showing its development over time, this being an updated reflection of a research that has been developed since 2014 in several other articles and documents. Finally, it demonstrates the central role that it has gained since the events of Euromaidan (2013-2014), in particular through the incorporation of its militias into the structure of the State and the influence on the political agenda, causing instability and war.

Keywords: Ukraine; Fascism; OUN; Svoboda; Pravy Sector; Euromaidan.

¹ Cientista político e PhD Candidate em Ciência Política pelo ISCSP-ULisboa com tese sobre a Ucrânia. Bolsista da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” e investigador, entre outros, do Laboratório de Estudos sobre Hegemonia e Contra-Hegemonia da UFRJ (LEHC/UFRJ).

INTRODUÇÃO

Desde 2014, uma crise permanente instalou-se na Ucrânia, a partir do golpe de Estado que depôs em fevereiro desse ano o presidente Viktor Yanukovich. Como resposta ocorreram o referendo popular pelo retorno da Crimeia à Federação Russa e o início da guerra à Leste, na bacia do Don, entre movimentos secessionistas das Repúblicas Populares de Donetsk e Luhansk e os batalhões da intitulada Operação Anti-Terrorista – incluindo os constituídos por forças fascistas, como o Batalhão Azov². Segundo documento da Missão de Monitoramento de Direitos Humanos das Nações Unidas na Ucrânia, do escritório do Alto-Comissariado para os Direitos Humanos da ONU, entre 14 de abril de 2014 e 31 de dezembro de 2021, este conflito causou entre 51 a 54 mil mortos e entre 37 a 39 mil feridos (HRMMU, 2022).

O atual processo representou uma escalada dos processos de crise e instabilidade permanentes e estruturais instaurados desde a independência ucraniana em 1991, com a restauração capitalista e o regime oligárquico decorrente. Como referia Ferreira (2016, p.183-188):

Em 2016, a Ucrânia completou 25 anos de independência, marcados por instabilidade política e social. Esta se apresentou mesmo em conjunturas de estabilidade econômica após os primeiros anos de depressão profunda do PIB e desorganização da estrutura produtiva pelo desmonte do socialismo e da complementaridade com outras ex-repúblicas soviéticas, em particular a Rússia. O impacto foi brutal e se tornou estrutural [...] Contudo, é de se esperar que processos de secessão, contra-revolução econômica e mudança de regime gerassem conflitos. O surpreendente é a recorrência das crises. Nesse quarto de século de nação independente, três presidentes foram depostos por manifestações de massas.

O nível de violência que se estabeleceu é o agravar de característica permanente, a “violenta história política ucraniana, sendo a violência um instrumento constante nas disputas entre políticos e oligarcas, utilizada tanto pelo governo, sob a cobertura de um judiciário instrumentalizado politicamente, como pela oposição, com o objetivo de eliminar oponentes ou realizar operações de *false flag* para desacreditá-los” (FERREIRA, 2016, p.188). Isto decorre da natureza própria da classe dominante ucraniana que emergiu da transição ao capitalismo, denominada de “oligarquia”, uma:

² Se a atual imprensa internacional tem escondido o caráter fascista destes batalhões, há alguns anos reconhecia. Veja-se a manchete do jornal português *Público*, assinada por Alexandre Martins, de 1 de setembro de 2014: “Azov, o batalhão neonazi que vai defender Mariupol”, tendo por *lead*, “é um dos batalhões mais ferozes de entre as dezenas que lutam ao lado do Exército oficial da Ucrânia. A sua missão é “liderar as raças brancas do mundo numa cruzada final pela sua sobrevivência”.”

burguesia *sui generis* do mundo pós-comunista [... onde] Há uma fusão entre Estado, interesses políticos e econômicos, entre política e economia, que supera em muito os padrões normais. Os interesses econômicos da burguesia ucraniana só são de fato assegurados enquanto interesses políticos. Isto explica a extrema violência na vida política e nas relações inter-burguesas, onde se utilizam corriqueiramente, não apenas excepcionalmente, de todos os expedientes possíveis: subornos, traições, assassinatos, milícias fascistas e, até mesmo, de mobilizações de massas (como a Revolução Laranja ou o EuroMaidan) para serem vitoriosos. O processo de acumulação primitiva de capital não termina, pois se refaz permanentemente, inicialmente sobre o patrimônio soviético, e depois, por inércia, sobre o patrimônio ucraniano, sobre a propriedade dos setores burgueses pequenos e médios, e mesmo sobre outros oligarcas, como demonstra a prática dos chamados corporate raidings (Rojansky, 2014). Não há nenhuma segurança sobre a propriedade privada, nem mesmo para os oligarcas, que só a garantem sob a proteção do Estado. A derrota numa disputa política pode significar perda de propriedade e prisão, como demonstram o caso de Lazarenko e Timoshenko, ou ainda pior, a morte (FERREIRA, 2016, p.193-194).

Curiosamente, um intelectual dedicado à análise da política ucraniana, e simpático à OTAN, à UE, à Revolução Laranja, ao Euromaidan e aos governos que os sucederam, inadvertidamente traz uma informação – confirmada em outras fontes – sobre o padrinho político e patrocinador do atual presidente ucraniano, Vladimir Zelensky, o oligarca Ihor Kolomoiskyi, que demonstra que a natureza violenta da política é transversal, e que dificilmente podemos falar em “heróis” ou “bommoços” nas disputas nesse país. Segundo Taras Kuzio (2016, p.103):

O Oligarca Ihor Kolomoiskyi, muitas vezes descrito como o maior invasor corporativo da Ucrânia, o Partido Social Democrata da Ucrânia unido (SDPUo) e o Partido das Regiões tinham um longo histórico de recorrer a vigilantes do crime organizado para ataques corporativos, fraude eleitoral e violência contra ONGs da sociedade civil, jornalistas e políticos da oposição.^{3 i}

A ligação deste e Zelensky é conhecida, e aparece também nos Pandora Papers. Uma investigadora da OCCRP, Elena Loginova (2021, s.p.), afirmava que a campanha deste foi “impulsionada pela mídia pertencente à Kolomoisky – acusado de roubar US\$ 5,5 bilhões do próprio banco”ⁱⁱ. Contudo, se estes elementos de instabilidade e violência são estruturais, qual a razão para o recrudescimento nestes últimos anos? Há obviamente fatores internacionais agravantes, como a expansão ofensiva da OTAN à leste e a reemergência da Rússia enquanto ator de relevo regional e internacional, com capacidade de contrariar ou impor óbices ao avanço da

³ Tradução do autor. Todas as referências a seguir originalmente em inglês receberão também a tradução pelo autor e constarão em notas de fim de documento no original.

aliança atlântica. Porém, neste artigo pretende-se debruçar sobre um fator interno: a emergência e infiltração no aparelho de Estado ucraniano de forças fascistas.

FASCISMO UCRANIANO: UMA CORRENTE HISTÓRICA

A história ucraniana criou elementos permanentes e dificultadores de afirmação de uma identidade nacional, pois, esta que:

só no século XX passou a ser chamada, apropriadamente, de “Ucrânia”, que significa “fronteira”. Este país foi sempre isso, uma fronteira entre civilizações, e não por escolha sua, mas resultado de divisões históricas impostas por forças externas. Ocupada por vários povos, ao fim da Guerra Russo-Polonesa (1654-1667), foi repartida entre a Rússia, com o Leste, e a Polónia, com o resto. Com as partilhas da Polónia (século XVIII), o Império Habsburgo passou a controlar a parte ocidental, e a Rússia a oriental, onde se realizou uma política de ‘russificação’. Com o colapso do Império Austro-Húngaro na Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa de 1917 e as declarações de independência ucranianas, veio a se assinar o Tratado de Paz de Riga (1921), que pôs fim à Guerra Polonesa-Soviética (1919-1920). Novamente, dividiu-se a Ucrânia, com a parte oriental se integrando livremente à Rússia Soviética e, a partir de 1922, à URSS. A parte ocidental passou ao controle da Polónia e a região da Transcarpátia foi dividida entre Checoslováquia e Romênia. Só após a Segunda Guerra Mundial a Ucrânia se reuniu, tornando-se independente da URSS em 1991. (FERREIRA, 2014b, p.64).

E por estes impeditivos, “a direita radical ucraniana apareceu como uma reação à inaptidão dos nacionalistas ucranianos de adquirir seu próprio Estado independente. O nacionalismo ucraniano, como um movimento sociopolítico distinto, começou a se desenvolver no século XIX, mas as organizações e grupos nacionalistas originais eram extremamente fracos”ⁱⁱⁱ (SHEKHOVTSOV, 2011, p.206). E será a área ocidental, originalmente sob controle polonês, que se tornará o centro fascista ucraniano até hoje, onde em meados dos anos 20 surgiu o primeiro grande ideólogo fascista, Dmytro Dontsov.

No entanto, Dontsov conseguiu criar uma doutrina fascista nativo, na qual o pensamento revolucionário ultranacionalista europeu foi introduzido no contexto ucraniano. Após a publicação de Nacionalismo, Dontsov decidiu transformar ainda mais as organizações sociopolíticas nacionalistas na Ucrânia Ocidental em uma direção fascista e ele traduziu pessoalmente a Doutrina del Fascismo de Mussolini para o ucraniano, além de alguns capítulos de Mein Kampf de Adolf Hitler. Dontsov também publicou uma série de brochuras com biografias dos líderes fascistas acima mencionados.^{iv} (SHEKHOVTSOV, 2011, p.208).

Em 1929 será fundada, inspirada nas ideias deste, mas que não aderirá, o partido matriz de toda a extrema-direita ucraniana até hoje: a Organização dos Nacionalistas Ucranianos (*Orhanizatsiya ukrayins'kykh natsionalistiv* - OUN). Com o assassinato do primeiro líder, o coronel Yevhen Konovalts, veterano do terrorismo anti-polonês, “a OUN se dividiu em duas facções. Uma facção era liderada por Andrii Mel'nyk, enquanto a outra, ainda mais radical, era liderada por Stepan Bandera”^v (SHEKHOVTSOV, 2011, p.208).

Na Segunda Guerra Mundial, segundo Hilberg (1961), na Ucrânia foram assassinados 900 mil judeus, 60% do 1,5 milhão que lá vivia antes do conflito, o que coloca este país como o segundo em números absolutos de mortos, atrás da Polônia (3 milhões de mortos, 91% do total). Esta escala só pode ser explicada pela colaboração ativa das forças fascistas ucranianas da OUN com o regime nazista.

O discurso destas forças, em particular da OUN liderada por Stepan Bandera, e seu braço paramilitar, o Exército Insurgente Ucraniano (*Ukrayins'ka povstans'ka armiya* - UPA), deixa claro o nível de colaboração:

Folhetos de nacionalistas alemães e locais utilizaram de bode expiatório aos “judeus-comunistas” para as atrocidades soviéticas, reais ou imaginárias: “Povo [da Ucrânia]! Saiba que Moscou, Polônia, magiares, judeus — eles são seus inimigos! Aniquile-os!” Este foi um típico panfleto nacionalista ucraniano da OUN-Bandera distribuído amplamente durante 1941 que defendia abertamente a violência contra judeus, poloneses étnicos e outros grupos étnicos. Outros panfletos da OUN-B advogavam as mesmas visões extremistas: “Exterminem sem misericórdia os poloneses, judeus, comunistas! Não tenha pena dos inimigos da Revolução Nacional Ucraniana.”^{vi} (BURDS, 2013, p.8).

Contudo, mais do que o discurso, a colaboração materializou-se em atos, os mais bárbaros possíveis:

Em 30 de junho de 1941, o exército nazista entrou em Lviv, capital da Ucrânia Ocidental. Em sua vanguarda veio com uniformes alemães o Batalhão Nachtigall de nacionalistas ucranianos, sob o comando de Roman Shukhevych. Com o conluio da Abwehr nazista, a facção Bandera da Organização dos Nacionalistas Ucranianos imediatamente criou o chamado "Governo das Terras Ucranianas Ocidentais", liderado por Yaroslav Stetsko, que acompanhou os invasores nazistas à cidade. Imediatamente foi lançado um pogrom da população judaica da área de Lviv.^{vii} (TOTTLE, 1987, p.103).

E nos dias seguintes o massacre se iniciou e “durante os primeiros três dias de julho de 1941, o Batalhão Nachtigall, [...] massacrou sete mil judeus nas proximidades de Lwow (Lemberg). [...] forçados a correr por um corredor polenês de homens usando braçadeiras azuis e douradas (coincidentemente as cores da República Petliurista)”^{viii} (FRIEDMAN, 1976, p.374).

Em 13 de julho de 1942, em Rovno, “as cinco mil pessoas que viviam no *ghetto* daquela cidade foram exterminadas” (DELARUE, 1964, p.329), tendo por assassinos “as milícias ucranianas enquadradas por membros da S.S.” (DELARUE, 1964, p.329).

A data do primeiro massacre foi também a mesma em que:

A OUN de Bandera declarou a independência da Ucrânia com Yaroslav Stets'ko como primeiro-ministro. A declaração depositava grandes esperanças nos nazistas e assumia que “o recém-formado Estado ucraniano [iria] trabalhar em estreita colaboração com a Grande Alemanha Nacional-Socialista, que, sob a liderança de seu líder Adolf Hitler, [estava] formando uma nova ordem na Europa e no mundo, além de ajudar o povo ucraniano a se libertar da ocupação moscovita” (Romanyshyn 2006, p. 76). No entanto, os nazistas não apoiaram a ideia da independência da Ucrânia e prenderam Bandera e Stets'ko. Eles foram enviados para o campo de concentração de Sachsenhausen e libertados apenas em 1944. ^{ix} (SHEKHOVTSOV, 2011, p.208-209).

Contudo, as condições de sua prisão não eram as mesmas que dos outros presos, e suas forças no terreno continuaram a colaboração e ações de extermínio contra poloneses, judeus, russos e mesmo ucranianos não-cooperantes. Foram liberados em 1944 os líderes para colaborarem de forma ainda mais ativa contra a ofensiva soviética. A contradição entre Bandera e Hitler era de projetos para o território ucraniano, o primeiro de um Estado títere, e o segundo a incorporação ao Reich, mas não havia diferenças ideológicas ou de métodos.

Durante a Guerra Fria, a cooperação entre as potências ocidentais e as forças fascistas ucranianas foram de largo espectro, indo de operações de infiltração – frustradas por espões soviéticos nos serviços secretos ocidentais e nas organizações – com o lançamento de avião no território ucraniano e polonês de membros destas forças, até o suporte financeiro, ideológico e político direto. Por exemplo,

o Serviço Secreto de Inteligência Britânico (SIS [geralmente referido como MI6]) treinou e lançou de pára-quedas quase cinquenta mensageiros da OUNb. A maioria dos mensageiros foram treinados como operadores de telefonia sem fio e levaram consigo equipamentos para que o submundo nacionalista pudesse se comunicar dentro de suas organizações regionais dentro da Ucrânia soviética, bem como se comunicar com uma base da CIA na zona de ocupação americana na Alemanha.^x (KUZIO, 2012, p.3).

A colaboração de ex-fascistas europeus em geral com os serviços secretos estadunidenses e europeus é matéria conhecida. O que é menos conhecido é o tamanho da emigração em massa de fascistas e colaboradores nazistas ucranianos, criminosos de guerra, aos Estados Unidos e no Canadá, e como isto marcou o desenvolvimento ideológico das grandes comunidades imigrantes ucranianas, onde estas

Os nacionalistas da nova onda subiram rapidamente nas fileiras das organizações americanas e canadenses, algumas das quais haviam sido enfraquecidas e esgotadas durante os anos de guerra devido às suas tendências pró-nazistas anteriores. Adicionando alguns milhares de novos membros, os recém-chegados acabaram por dominar a liderança da direita na comunidade ucraniana, dando ao movimento uma nova vida. ^{xi} (TOTTLE, 1987, p.126)

Esta dinâmica organizacional, estimulada pela política anticomunista dos governos, acaba por alimentar essa realidade e é fator de agravamento das relações entre os EUA e Canadá, de um lado, e a URSS, do outro. E é ainda um fator perturbador e criador de conflitos com a atual Rússia.

Mas a cooperação se estendia a forças internacionais, em particular “a OUN(b) cooperou principalmente com a Espanha de Franco, Taiwan de Chiang Kai-Shek e com outros grupos de emigrados de extrema-direita da Europa Oriental, incluindo ex-ministros da Eslováquia de Tiso, os sucessores da Ustasha, os Legionários romenos e antigos nazistas” ^{xii} (RUDLING, 2012, p.230).

Entre os elementos de colaboração ativa, desenvolvida inicialmente pelos nazistas em 1934-1935 e disseminado pelos fascistas ucranianos, com apoio da máquina de propaganda das potências, e que ainda reverbera, é o mito do “Holodomor”. A obra de Tottle (1987) é esclarecedora de como foi forjada esta mentira, tema central até hoje da propaganda da extrema-direita ucraniana, para qual colaboraram para a disseminação desta mentira nazista a imprensa de William Randolph Hearst e depois as comunidades de emigrados fascistas que se instalaram na América do Norte, o macarthismo, bem como Hollywood e o governo Reagan. Tudo construído sobre dados falsificados, “testemunhas” que não estavam nos referidos períodos na Ucrânia ou tinham sido colaboradores dos nazistas; com imagens de arquivo de fomes de períodos anteriores (ou de filmes ficcionais) e com manipulações grosseiras de estatísticas.

A reabilitação do banderismo

Desde a independência ucraniana que “as políticas, atitudes, definições e comemorações da Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN), do Exército Insurgente Ucraniano (UPA) e seus líderes e membros expuseram divisões políticas significativas na Ucrânia” ^{xiii} (KATCHANOVSKI, 2015, p.1). É significativo que a suposta “revolução democrática e pacífica” de 2004, conhecida como “Revolução Laranja”, tenha tido como resultado a revalorização e

dignificação das forças antidemocráticas, fascistas, antes proscritas e condenadas pela memória e história ucranianas:

Depois de se tornar presidente da Ucrânia como resultado da “Revolução Laranja” em 2004, Viktor Yushchenko e vários partidos nacionalistas nos governos da coalizão laranja seguiram políticas de reabilitação política e heroicização da OUN e da UPA. Yushchenko concedeu postumamente o título de “Herói da Ucrânia” a Bandera, líder da principal facção da OUN (OUN-B), e a Roman Shukhevych, o comandante supremo da UPA. Em contraste, Viktor Yanukovich, seu Partido das Regiões, o Partido Comunista e muitos outros partidos e políticos pró-russos e pró-comunistas se opuseram a essas políticas.^{xiv} (KATCHANOVSKI, 2015, p.1).

Contudo, mesmo com inflexões, como a operada em nível nacional durante o último governo Yanukovich a partir de 2010, encerrado precisamente pelo golpe do Euromaidan (fins de 2013-fevereiro de 2014), em nível regional, refletindo as distintas histórias e sensibilidades políticas, as posturas foram distintas e colaboraram para a afirmação ou negação das atuais forças fascistas:

No entanto, as políticas relativas à comemoração de líderes e membros dessas organizações como heróis nacionais continuaram a ser seguidas em níveis regionais na Ucrânia Ocidental, especialmente na Galiza, depois que o partido nacionalista radical Svoboda venceu as eleições locais lá e na Volínia. Os governos regionais e locais patrocinaram monumentos aos líderes da OUN e da UPA e renomearam as ruas em homenagem a eles. Muitos jornais nacionais, tais como Den, Dzerkalo Tyzhnia, Ukrainska Pravda e Ukraina Moloda, juntamente com canais de televisão (TV), como TVi e o 5º Canal, bem como meios de comunicação regionais na Ucrânia Ocidental promoveram ativamente o revisionismo histórico e a reabilitação política e heroicização da OUN e da UPA. Os meios de comunicação de massa, de propriedade do governo ou de oligarcas pró-Yanukovich, como os canais Primeiro Canal Nacional, o Inter e Ukraina, também disseminaram frequentemente essas narrativas. Um estudo baseado em entrevistas realizado na época mostrou que os professores de história na Ucrânia Ocidental geralmente promoviam uma perspectiva nacionalista em relação à OUN, a UPA, e aos seus líderes, enquanto os professores da Crimeia tendiam a apresentar essas organizações e seus líderes como colaboradores nazistas e assassinos em massa (Korostelina, 2013).^{xv} (KATCHANOVSKI, 2015, p.1-2).

Com o Euromaidan a reabilitação será completa, tornando-se um

[...] catalizador para uma institucionalização governamental e integração social de um tipo de história política que promoveu uma comemoração heróica e em parte até hagiográfica do ultranacionalismo de guerra na Ucrânia – em particular da OUN e seus líderes. As leis de “descomunização” adotadas pelo parlamento ucraniano em abril de 2015 podem ser vistas como um ponto de virada na peculiar *Vergangenheitsbewältigung* (“lidar com o passado”). Isso porque uma dessas leis concede um status especial à OUN-UPA como “combatentes da liberdade”. Ela protege oficialmente as duas organizações de derrogação e condenação na esfera pública.^{xvi} (UMLAND & YURCHUK, 2020, p.186).

E a Guerra na Bacia do Don, com a participação de batalhões fascistas que lutam sob a Bandeira de Kiev, como o Azov, aprofundou esta dinâmica, pois:

[...] fortaleceu os sentimentos populares em favor de se ver a OUN(b) e seu braço militar UPA como organizações exclusivamente liberacionistas. Em alguns meios de comunicação e representações oficiais, os soldados do atual exército ucraniano são comparados ou mesmo equiparados aos combatentes da OUN e da UPA. Uma expressão dessa tendência foi a criação de um “Dia do Defensor da Pátria”, oficial, em 14 de outubro – uma data que também é celebrada como o “Dia do Cossackdom” e o “Dia da UPA”. Uma abordagem mais ou menos “heróica” da memória da OUN-UPA foi apoiada pela maioria dos poderes do governo da Ucrânia, durante o período de 2014-2019, incluindo o próprio então presidente Petro Poroshenko. ^{xvii} (UMLAND & YURCHUK, 2020, p.187).

A PARTICIPAÇÃO FASCISTA NA ATUAL CRISE

A centralidade da extrema-direita no Euromaidan é matéria de debate, instrumentalizada por disputas geopolíticas e mesmo contestada, com alguns a negar a sua centralidade por serem minoritários e outros que dizem que seria produto de propaganda russa e governamental. Já outros especialistas, como Anton Shekhovtsov (2014, p.218), ainda que minorando os impactos dos mesmos, confirmam a existência destes, onde “dois grandes movimentos de extrema-direita participaram dos protestos pró-europeus e da consequente revolução: o partido político União de Toda a Ucrânia ‘Liberdade’ (Svoboda) e uma coalizão de pequenos grupos e organizações de extrema-direita que se tornaram coletivamente conhecidos como ‘Setor Direita’” ^{xviii}.

O primeiro, o:

O Svoboda foi fundado em 1991 em Lviv como o Partido Social-Nacional da Ucrânia (PSNU), sob a liderança de Yaroslav Andrushkiv. O PSNU foi oficialmente registrado como partido político em 1995 e, posteriormente, participou de várias eleições parlamentares sem sucesso. O único sucesso político relevante do PSNU foi a eleição de um de seus líderes, Oleh Tyahnybok, para o parlamento ucraniano ou Verkhovna Rada (literalmente, “conselho supremo”) em 1998 e 2002, representando distritos uninominais no oblast de Lviv. [...] após o congresso do PSNU em 2004, mudou para seu nome atual (União de Toda a Ucrânia “Liberdade”), substituiu Andrushkiv por Tyahnybok como chefe do partido e fez várias outras mudanças destinadas a revigorar a organização e torná-la mais respeitável ao olhar dos eleitores. Apesar dessas mudanças, os resultados do Svoboda nas eleições parlamentares de 2006 e início de 2007, 0,36% e 0,76%, respectivamente, não forneceram evidências de crescente popularidade. Após seu relativo sucesso nas eleições regionais em 2009 e 2010, o Svoboda ganhou as manchetes em 2012 quando obteve 10,4% dos votos proporcionais e venceu em 12 distritos uninominais nas eleições parlamentares de 2012 [com 38 de 450 assentos], e posteriormente formou a primeira facção de extrema-direita no parlamento ucraniano. ^{xix} (SHEKHOVTSOV, 2016, p.218).

O segundo:

Durante a revolução, o Setor Direita era uma ampla coalizão de organizações e grupos de extrema-direita que se reuniram no final de novembro de 2013, poucos dias após o início dos protestos pró-europeus. Em seguida, o Setor Direita composto por 'Tryzub' (Tridente), a Assembleia Nacional Ucraniana - Autodefesa Ucraniana (UNA-UNSO), "Patriota da Ucrânia" (PU), 'Martelo Branco' (MB), bem como grupúsculos menores e ativistas individuais. [...] Ideologicamente, essas organizações iam do nacional-conservadorismo radical de 'Tryzub' ao extremismo de direita da UNA-UNSO ao neonazismo do PU e MB.^{xx} (SHEKHOVTSOV, 2016, p.225).

Contudo, os desenvolvimentos posteriores deixam claro ao observador menos atento a presença inofismável e decisiva destas forças fascistas no processo e em todo o período desde então. Como afirma Katchanovski (2015, p.2), “O Svoboda, o Setor Direita e várias organizações de extrema-direita menos influentes se apresentaram como sucessores ideológicos da OUN e da UPA. Embora essas organizações de extrema-direita estivessem em minoria entre a liderança e os participantes do “Euromaidan”, elas desempenharam um papel fundamental na derrubada violenta do governo Yanukovich em fevereiro de 2014”^{xxi}.

Se, como já referido, a violência política é um fator constante da história independente ucraniana, o papel destas forças explicam a radicalização, crescendo:

pari passu ao crescimento da presença da extrema-direita nas manifestações. Entre suas ações mais violentas está o Massacre de Odessa, quando estes atacaram militantes antifascistas, encurralando-os na Casa dos Sindicatos. Sobre esta os fascistas lançaram uma bomba, que iniciou o incêndio e vitimou ao menos 42 pessoas, carbonizadas até a morte, e outros foram mortos a tiros pelos fascistas ao tentar fugir das chamas. A maioria era militante do Partido Comunista Ucraniano e de outro partido de esquerda, o Borotba. (Ferreira, 2014b) (FERREIRA, 2016, p.189).

Neste mesmo artigo procurei demonstrar (FERREIRA, 2016) como entre 2011 e Abril-Agosto de 2015, apesar da redução dos protestos, houve crescimento das táticas de protestos confrontacionais (pressão direta), e significativamente, violentas (causam ou ameaçam de danos propriedade ou pessoas), frente ao peso dos protestos convencionais (pacíficos).

Esta estratégia de tensão, utilizada pela extrema-direita no mundo inteiro desde seu surgimento, não é derivada apenas da natureza irracional e do culto à violência, ontológica ao fascismo (FERREIRA, 2018), mas foi necessária e determinante para a vitória do golpe e a afirmação política deste setor frente ao governo ucraniano, tornando-o refém e limitado nas

negociações para a resolução dos conflitos internos e com a Rússia. Isto é assim com Zelensky, mas já o era sob o ex-presidente Petro Poroshenko (2014-2019):

Estas milícias [fascistas] podem ser úteis ao governo em Kiev hoje, mas podem se voltar contra Poroshenko no futuro. É sintomático que o NY Times tenha dado esta manchete no dia 23 de maio: “Ukraine Faces Struggle to Gain Control of Militias, Including Those on Its Side” (ROTH, 2014). De fato, a derrubada de Yanukovich e a vitória da fração oligárquica de oposição só foram possíveis graças a essas milícias fascistas. Foram os grandes responsáveis pela manipulação dos fatos, criando ataques a militantes da própria oposição e a utilização de franco-atiradores contra as próprias manifestações, para reverter o refluxo produzido pelo acordo vantajoso – ao menos no curto prazo – oferecido pelo imperialismo russo e justificar o uso de suas táticas violentas, sendo diretamente responsáveis pelo sangue derramado em Kiev. Entre os ataques a militantes da oposição, estão os encenados contra militantes das próprias organizações fascistas, ou com intensas ligações, como “Tetyana Chernovol, hoje oficialmente desligada da UNA-UNSO [... mas que] entrou com 17 anos na UAN-UNSO e foi sua secretária de imprensa posteriormente” (FERREIRA, 2014a). Todavia, os meios de comunicação ligados à fração oligárquica na oposição não citaram esse passado “mesmo quando ela sofreu uma suposta agressão perpetrada pela polícia de Yanukovich e isto foi um dos elementos para que as mobilizações que vinham refluindo crescessem novamente” (FERREIRA, 2014a). Outro exemplo foi o alegadamente sequestro pela polícia do também membro da UAN-UNSO, organização fascista que é parte do Pravy Sektor, Dmytro Bulatov. Este foi posteriormente nomeado ministro da juventude e dos esportes no governo interino (FERREIRA, 2014a). E, quem afirma a ligação dos fascistas com os franco-atiradores que assassinaram os militantes do EuroMaidan não foi o Kremlin, “mas aliados europeus: numa conversa vazada entre o ministro das Relações Exteriores da Estônia, Urmas Paet, e a chefe da diplomacia europeia, Catherine Ashton, ele afirma que ‘Fica cada vez mais evidente que por trás dos franco-atiradores não estava (o presidente Viktor) Yanukovich, mas alguém da nova coalizão’ e ainda que ‘é preocupante que a nova coalizão não queira investigar’” (FERREIRA, 2014a). Na verdade, o “golpe foi garantido com o cerco ao Parlamento por milícias fascistas e ameaças que levaram a renúncia de vários dos parlamentares apoiantes do governo ou impediram mesmo a participação deles na sessão da Verkhovna Rada (Parlamento Ucrainiano)” (FERREIRA, 2014a, p.96).

E estas forças foram recompensadas, ganhando um enorme peso no governo interino que se seguiu ao golpe, onde:

figuras ligadas ao Pravy Sektor entraram, como Dmytro Bulatov, ministro da Juventude e dos Esportes. A segunda força do governo foi o Svoboda. Os fascistas passaram a controlar o Judiciário (procuradoria-geral), instrumentos políticos de repressão (comitê anticorrupção); setores-chave para a economia (vice-primeiro-ministro para Assuntos Econômicos e Ministério da Agricultura); as forças armadas (secretário do Conselho de Segurança e de Defesa Nacional); e instrumentos ideológicos fundamentais (Ministério da Educação e Ministério da Juventude e dos Esportes). Durante um mês, o Svoboda deteve o Ministério da Defesa. [...Onde foram tomadas] medidas antidemocráticas contra a minoria

russo – a retirada do estatuto de línguas regionais e a suspensão das mídias em russo – e a esquerda – milícias fascistas queimaram as sedes do Partido Comunista e de outra organização, o Borotba; a casa do líder do PC foi queimada e um dirigente torturado. O Borotba entrou na ilegalidade e o PC está sofrendo um processo legal para ser banido [até o momento impedido de concorrer às eleições]. O governo criou um novo braço armado, a Guarda Nacional, incorporando, oficialmente, as milícias fascistas. (FERREIRA, 2014b, p.70).

Ainda que os resultados posteriores eleitorais tenham sido terríveis para a extrema-direita, isto se deveu a que os partidos de direita tradicional realizaram um processo de *parroting*, ou seja, incorporando a agenda fascista para esvaziá-los eleitoralmente, tendo como resultado um giro total do espectro político partidário ucraniano para a direita e extrema-direita. Contudo, se perderam expressão eleitoral, tornaram-se ainda mais perigosos pelo processo de incorporação na estrutura militar:

Mas, o salto qualitativo no domínio de terror se deu com o aprofundamento do golpe, em 13 de março: o Parlamento Nacional aprovou a criação de uma “Guarda Nacional” com 60 mil stormtroopers (tropas de assalto), “cujos trabalhos incluirão a proteção da ‘ordem pública’ (moldada sobre a ‘nova ordem’ alemã sobre os territórios ocupados) e a supressão de ‘distúrbios’ (protestos populares) durante um estado de emergência, bem como a assistência na defesa das fronteiras (com a Rússia, naturalmente), e a participação em operações militares em caso de guerra”. Isto na verdade significou a incorporação das milícias fascistas à estrutura oficial de repressão. O sonho de Ernest Röhm para as suas Sturmabteilung (SA) e depois realizada pela SS por Heinrich Himmler, com a constituição a partir dos batalhões da Waffen SS, foi realizado pelos fascistas ucranianos em tempo recorde. Estes batalhões “principalmente originados de Lviv [bastião do Svoboda e dos fascistas em geral] (Ucrânia Ocidental) serão unidades de retaliação e de fronteira – análogas às Waffen SS. Na sua era, os nazistas rapidamente livraram-se dos generais da Wehrmacht que ousaram se opor à criação e a militarização do “Exército do Partido”. Usando o mesmo esquema de jogo, o “primeiro-ministro” em exercício, Arseny Yatsenyuk não hesitou a demitir três vice-ministros da defesa que se atreveram a se opor ao lunático plano de armar o Setor Direita”. Arsen Avakov, ministro do Interior, declarou “como uma de suas primeiras intenções que o Setor Direita deve ser integrado no aparato estatal de segurança”, o que cumpriu inteiramente. (FERREIRA, 2014c, s.p.)

E estas milícias e organizações fascistas têm sido determinantes para impedir a estabilização da situação ucraniana, mantendo o caos no Leste, impedindo negociações e criando, assim, o espaço para uma possível generalização da guerra no país, caso as condições internacionais favoreçam a isto.

REFERÊNCIAS

BURDS, Jeffrey. **Holocaust in Rovno: The Massacre at Sosenki Forest, November 1941**. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2013.

DELARUE, Jacques. **História da Gestapo**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1964.

FERREIRA, Carlos Serrano. A presidência instável de Petro Poroshenko. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá, vol. XIV, n. 160, set. 2014a.

FERREIRA, Carlos Serrano. O caos ucraniano. **Sociologia Ciência & Vida**. São Paulo, 2014b.

FERREIRA, Carlos Serrano. **A ascensão do fascismo na Ucrânia**. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/6214>. Acedido em: 15 de Maio de 2014c.

FERREIRA, Carlos Serrano. Lutas sociais e políticas na república oligárquica da Ucrânia. **Lutas Sociais**. São Paulo, vol. 20, n.37, jul./dez 2016.

FERREIRA, Carlos Serrano. Por que cresce o fascismo no Brasil? **Princípios**. São Paulo, v. 35, 2018.

HILBERG, Raul. **The Destruction of the European Jews**. Nova York: Yale University Press, 1961.

HRMMUU. **Conflict-related civilian casualties in Ukraine**. 27 de Janeiro de 2022. Disponível em: https://ukraine.un.org/sites/default/files/2022-02/Conflict-related%20civilian%20casualties%20as%20of%2031%20December%202021%20%28rev%2027%20January%202022%29%20corr%20EN_0.pdf.

KATCHANOVSKI, Ivan. Terrorists or national heroes? Politics and perceptions of the OUN and the UPA in Ukraine. **Communist and Post-Communist Studies**. S.l., vol. 48, n° 2/3, Jun./Sept. 2015.

KUZIO, Taras. U.S. support for Ukraine's liberation during the Cold War: A study of Prolog Research and Publishing Corporation. **Communist and Post-Communist Studies**. S.l., 2012.

KUZIO, Taras. The Orange and Euromaidan Revolutions: Theoretical and Comparative Perspectives. **Kyiv-Mohyla Law and Politics Journal**. 2, 2016.

LOGINOVA, Elena. **Pandora Papers Reveal Offshore Holdings of Ukrainian President and his Inner Circle**. Disponível em: <https://www.occrp.org/en/the-pandora-papers/pandora-papers-reveal-offshore-holdings-of-ukrainian-president-and-his-inner-circle>. Acesso em: 5 out. 2021.

RUDLING, Per Anders. The Return of the Ukrainian Far Right: The Case of VO Svoboda. In: WODAK, Ruth & RICHARDSON, John E.(eds.). **Analyzing Fascist Discourse: European Fascism in Talk and Text**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2013.

SHEKHOVTSOV, Anton. The Creeping Resurgence of the Ukrainian Radical Right? The Case of the Freedom Party. **Europe-Asia Studies**. Vol.63, n°2, Mar. 2011.

SHEKHOVTSOV, Anton. *The Ukrainian Far Right and the Ukrainian Revolution. New Europe College Black Sea Link Program Yearbook 2014-2015*. 2016.

TOTTLE, Douglas. *Fraud, Famine and Fascism: The Ukrainian Genocide Myth from Hitler to Harvard*. Toronto: Progress Books, 1987.

UMLAND, Andreas & YURCHUK, Yuliya. Introduction: The Organization of Ukrainian Nationalists and European Fascism During World War II. *Journal of Soviet and Post-Soviet Politics and Society*. Vol. 6, n°1, 2020.

ⁱ “Oligarch Ihor Kolomoiskyi, often described as Ukraine’s biggest corporate raider, the Social Democratic Party of Ukraine united (SDPUo) and the Party of Regions had a long record of drawing on organized crime vigilantes for corporate raiding, election fraud and violence against civil society NGOs, journalists and opposition politicians.”

ⁱⁱ “boosted by media belonging to Kolomoisky – who is accused of stealing US\$ 5.5 billion from his own bank”.

ⁱⁱⁱ “the Ukrainian radical right appeared as a reaction to the inability of Ukrainian nationalists to acquire their own independent state. Ukrainian nationalism, as a distinct socio-political movement, began to develop in the nineteenth century but the original nationalist organisations and groups were extremely weak”.

^{iv} “Dontsov nevertheless managed to create an indigenous fascist doctrine, in which European revolutionary ultra-nationalist thought was introduced into the Ukrainian context. Following the publication of *Nationalism*, Dontsov set to further turn nationalist socio-political organisations in Western Ukraine in a fascist direction and he personally translated Mussolini’s *Dottrina del Fascismo* into Ukrainian, in addition to a few chapters from Adolf Hitler’s *Mein Kampf*. Dontsov also published a number of brochures featuring biographies of the above-mentioned fascist leaders.”

^v “the OUN split into two factions. One faction was led by Andrii Mel’nyk while the other, even more radical group, was headed by Stepan Bandera”.

^{vi} “German and local nationalist leaflets alike scapegoated “Jewish-communists” for Soviet atrocities, real or imagined: “People [of Ukraine]! Know that Moscow, Poland, Magyars, the Jews—they are your enemies! Annihilate them!” This was a typical OUN-Bandera Ukrainian nationalist leaflet distributed widely during 1941 that openly advocated violence against Jews, ethnic Poles, and other ethnic groups. Other OUN-B leaflets advocated the same extremist views: “Exterminate the Poles, Jews, communists without mercy! Do not pity the enemies of the Ukrainian National Revolution.””

^{vii} “On June 30, 1941, the Nazi army entered Lviv, capital of Western Ukraine. In its vanguard came the German-uniformed Nachtigall Battalion of Ukrainian Nationalists, under the command of Roman Shukhevych. With the collusion of the Nazi Abwehr, the Bandera faction of the Organization of Ukrainian Nationalists immediately set up a so-called “Government of Western Ukrainian Lands,” headed by Yaroslav Stetsko who had accompanied the Nazi invaders to the city. A pogrom of the Lviv area’s Jewish population at once was launched”.

^{viii} “during the first three days of July 1941, the Nachtigall Battalion, [...] slaughtered seven thousand Jews in the vicinity of Lwow (Lemberg). [...] forced to run a gauntlet of men wearing blue and gold armbands (coincidentally the colors of the Petliurist Republic)”.

^{ix} “Bandera’s OUN declared the independence of Ukraine with Yaroslav Stets’ko as the prime minister. The declaration placed high hopes on the Nazis and assumed that ‘the newly formed Ukrainian state [would] work closely with the National-Socialist Greater Germany, which, under the leadership of its leader Adolf Hitler, [was] forming a new order in Europe and the world, as well as helping the Ukrainian People to free itself from Muscovite occupation’ (Romanyshyn 2006, p. 76). However, the Nazis did not support the idea of Ukraine’s independence and arrested both Bandera and Stets’ko. They were sent to the Sachsenhausen concentration camp and released only in 1944”.

^x “the British Secret Intelligence Service (SIS [usually referred to as MI6]) trained and parachuted nearly fifty OUNb couriers. Most of the couriers were trained as wireless operators and brought with them equipment so the nationalist underground could communicate within its regional branches inside Soviet Ukraine as well as communicate with a CIA base in the American occupation zone in Germany”.

^{xi} “New-wave Nationalists rose rapidly in the ranks of the American and Canadian organizations, some of which had been weakened and depleted during the war years due to their earlier pro-Nazi leanings. Adding some thousands of new members, the new arrivals eventually came to dominate the leadership of the right-wing in the Ukrainian community, giving the movement a new lease on life”.

^{xii} “the OUN(b) cooperated mostly with Franco’s Spain, Chiang KaiShek’s Taiwan and with other eastern European far-right émigré groups, including former ministers of Tiso’s Slovakia, the successors of the Ustasha, the Romanian Legionnaires, and former Nazis”.

^{xiii} “the policies, attitudes, definitions, and commemorations of the Organization of Ukrainian Nationalists (OUN), the Ukrainian Insurgent Army (UPA) and their leaders and members have exposed significant political divisions in Ukraine”.

^{xiv} “After he became the president of Ukraine as a result of the “Orange Revolution” in 2004, Viktor Yushchenko and various nationalist parties in the Orange coalition governments pursued policies of political rehabilitation and heroization of the OUN and the UPA. Yushchenko posthumously awarded the “Hero of Ukraine” title to Bandera, the leader of the main faction of the OUN (OUN-B), and to Roman Shukhevych, the supreme commander of the UPA. In contrast, Viktor Yanukovich, his Party of Regions, the Communist Party, and many other pro-Russian and pro-Communist parties and politicians opposed such policies”.

^{xv} “However, the policies regarding the commemoration of leaders and members of these organizations as national heroes continued to be pursued at regional levels in Western Ukraine, especially in Galicia, after the radical nationalist party Svoboda won local elections there, and in Volhynia. Regional and local governments there sponsored monuments to OUN and UPA leaders and renamed streets after them. Many national newspapers, such as Den, Dzerkalo Tyzhnia, Ukrainska Pravda, and Ukraina Moloda along with television (TV) channels, such as TVi and the 5th Channel, as well as regional mass media in Western Ukraine actively promoted historical revisionism and the political rehabilitation and heroization of the OUN and the UPA. Mass media, owned by the government or pro-Yanukovich oligarchs, such as the First National Channel, Inter, and Ukraina TV channels, also frequently disseminated such narratives. [...] An interview-based study conducted at that time showed that history teachers in Western Ukraine generally promoted a nationalist perspective concerning the OUN, the UPA, and their leaders, while teachers in Crimea tended to present these organizations and their leaders as Nazi collaborators and mass murders (Korostelina, 2013)”.

^{xvi} “[...] catalyst for a governmental institutionalization and social mainstreaming of a type of history politics that promoted a heroic and partly even hagiographic commemoration of war-time ultra-nationalism in Ukraine – in particular of the OUN and its leaders. The “decommunization” laws adopted by the Ukrainian parliament in April 2015 can be seen as marking a turning point in Ukraine’s peculiar *Vergangenheitsbewältigung* (“coping with the past”). That is because one of these laws grants a special status to the OUN–UPA as “freedom fighters.” It officially protects the two organizations from derogation and condemnation in the public sphere”.

^{xvii} “[...] strengthened popular sentiments in favor of seeing the OUN(b) and its military arm UPA as exclusively liberationist organizations. In some media and official representations, the soldiers of the current Ukrainian army are compared or even equated to the fighters of the OUN and UPA. One expression of this tendency was the creation of an official “Day of the Defender of the Motherland” on 14 October—a date which is also celebrated as the “Day of Cossackdom” and the “Day of the UPA.” A more or less “heroic” approach to the memory of the OUN–UPA was supported by most branches of Ukraine’s government, during the period of 2014–2019, including then President Petro Poroshenko himself”.

^{xviii} “two major far right movements took part in the pro-European protests and the consequent revolution: the political party All-Ukrainian Union ‘Freedom’ (Svoboda) and a coalition of minor far right groups and organisations that became collectively known as ‘Right Sector’”.

^{xix} “Svoboda was founded in 1991 in Lviv as the Social-National Party of Ukraine (SNPU), under the leadership of Yaroslav Andrushkiv. The SNPU was officially registered as a political party in 1995 and, thereafter, took part in several parliamentary elections to no avail. The SNPU’s only relevant political success was the election of one of its leaders, Oleh Tyahnybok, to the Ukrainian parliament or Verkhovna Rada (literally, “supreme council”) in 1998 and 2002, representing single-member districts in the Lviv oblast. [...] following the SNPU congress in 2004, it changed its current name (All-Ukrainian Union “Freedom”), replaced Andrushkiv with Tyahnybok as the head of the party and made several other changes intended to reinvigorate the organisation and make it more respectable in the eyes of voters. Despite these changes, Svoboda’s results in the 2006 and early 2007 parliamentary elections, 0.36% and 0.76% respectively, provided no evidence of growing popularity. Following its relative success in the regional elections in 2009 and 2010, Svoboda made headlines in 2012 when it obtained 10.4% of the proportional vote and won in 12 single-member districts in the 2012 parliamentary elections [with 38 out of 450 seats], and subsequently formed the first ever far right faction in the Ukrainian parliament”.

^{xx} “During the revolution, Right Sector was a broad coalition of far right organisations and groups that came together at the end of November 2013, a few days after the start of the pro-European protests. Then, Right Sector comprised of ‘Tryzub’ (Trident), the Ukrainian National Assembly – Ukrainian Self-Defence (UNA-UNSO), ‘Patriot of Ukraine’ (PU), ‘White Hammer’ (WH), as well as smaller groupuscules and individual activists. [...] Ideologically, these organisations ranged from radical national-conservatism of ‘Tryzub’ to the right-wing extremism of the UNA-UNSO to the neo-Nazism of the PU and WH.”

^{xxi} “Svoboda, the Right Sector, and several less influential far-right organizations presented themselves as ideological successors of the OUN and the UPA. While these far-right organizations were in a minority among the “Euromaidan” leadership and participants, they played a key role in the violent overthrow of the Yanukovich government in February 2014”